



Philadelphia

A nossa estampa não representa a grandiosa e tão notavel cidade dos Estados Unidos, edificada em 1682 pelo famoso William Penn, e tão gloriosamente enlaçada com a independencia da America do norte.

A nossa estampa representa a antiga cidade da Lydia, na Asia Menor, que hoje tem o nome de Allah Sher (*cidade de Deus*), a 28 milhas de distancia ao sudoeste da antiga Sardis (hoje *Sart*.)

A antiga Philadelphia foi edificada pelo rei de Pergamo, Attalo Philadelpho (do qual tomou o nome), junto do monte Tmolos. É ainda hoje de alguma importancia. Diz um viajante moderno, que é uma cidade de consideração, largamente extensa, que se espalha pelo declivio de tres ou quatro outeiros.

Ao oriente da Philadelphia colloca Strabão o districto de Katakekaume (ou *Inteiramente queimado*), de 400 estadios de comprimento, e de 400 de largura. O mesmo Strabão descreve o solo da planicie como sendo coberto de cinzas, e os rochedos como tendo uma cor preta, por terem sido sujeitos á acção do fogo. Naquelle districto foi cultivada outr'ora, e muito vantajosamente, a vinha.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo é il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

A Historia não apresenta nos seus fastos um personagem, a respeito do qual a posteridade tenha feito juizos tão diversos e encontrados, como é Machiavel.

Uns consideraram o seu nome como synonymo da malvadez e da perfidia, por entenderem que foi Machiavel o conselheiro do crime, e o fautor dessa politica refalsada, que deshonra tanto o que a ensina, como aquelle que a põe em pratica.

Outros apresentam o secretario Florentino como tendo sido um apaixonado amante da liberdade, um patriota eximio, um defensor ardente e entusiasta da independencia da Italia.

É quasi, porem, unanime a opinião que lhe attribue vastidão de conhecimentos, um talento admiravel, e mais do que talento, um genio poderoso e grande.

Em todo caso, não pôde ser indifferente um tão grande vulto da historia da Italia; antes merece a attenção de todos quantos desejam entrar no amago das cousas, e formar, ácerca dellas, um juizo seguro, ou, pelo menos, assente em sério exame.

Não me será, pois, levado em mal que me detenha um pouco na presença de um dos mais extraordinarios varões da republica de Florença, de um dos mais notaveis escriptores da Italia, de um dos personagens mais celebres do mundo.

Sendo do meu intento basear a apreciação de Machiavel em fundamentos solidos, hei de estudar as suas principaes obras litterarias, historicas e politicas, e invocar opportunamente o testemunho de escriptores acreditados, bem como o da historia contemporanea do grande homem. — É assim que pretendo tornar verdadeiramente util este meu trabalho, — dando de mão a considerações vagas e phantasiosas, que podem sim deslumbrar por um instante, mas não derramam a luz apropriada e duradoura que é indispensavel ao espirito.

I

Nicoláo Machiavel nasceu em Florença no dia 5 de maio do anno de 1469, e descendia de uma familia nobre, e patricia, que andava nos altos cargos da governação publica.

Distinguindo-se na carreira das lettras, attraio Machiavel a attenção publica; e, em chegando a epoca opportuna, entrou no serviço da sua patria.

Na idade de 29 annos foi nomeado *Secondo Cancelliere dei Signori*, e, pouco depois, *secretario do conselho dos Dez*, isto é, secretario do conselho ou junta dos dez magistrados de paz e de guerra, que constituíam o governo da republica. Durante 14 annos e 5 mezes desempenhou as funcções deste elevado cargo, e dahi lhe proveio a designação de *Secretario Florentino*.

Dentro de Florença tinha Machiavel a seu cargo a correspondencia politica interna e externa, o registro das deliberações, e a redacção dos tratados com os estrangeiros, mas os seus reconhecidos talentos foram parte para que se alongassem as funcções de Secretario dos Dez, fazendo-o nomear para diversas missões diplomaticas á Alemanha, á França, á Suissa, a Roma e outros Estados da Italia, — missões que desempenhou com a maior habilidade, com o mais vivo interesse pelas conveniencias da sua patria, e sempre a aprasimento dos magistrados da Republica.

Se este ultimo serviço não tem as proporções das lidas diplomaticas, relativas ás grandes potencias europeas dos nossos tempos, — é, contudo, certo que não lhes falta um certo fulgor e importancia, ao considerar-se que foi Machiavel encarregado de negociações com Luiz XVII, com o cardeal d'Amboise, com Julio II, com o Imperador Maximiliano—e, o que era de summo melindre, com o famigerado Cesar Borgia. — Destas missões daremos noticia no logar competente.

Quando uma revolução politica restituiu os Medicis a Florença, perdeu Machiavel o cargo de secretario da republica (1512), e nunca mais o chegou a recobrar. A uma grande desgraça seguio-se outra. Foi accusado de haver tomado parte na conjuração, que tinha por fim assassinar o cardeal João Medicis, membro da familia memoravel que, pouco depois, conseguiu ser, por algum tempo soberana de Florença.

Em consequencia da indicada accusação, foi Machiavel arrojado á prisão, e padeceu os tormentos da *tortura*. São unanimes os testemunhos em asseverar que se houve nesse penoso lance com admiravel coragem e firmeza, — ou porque a innocencia (o que se julga provavel) lhe dêsse brios, — ou porque a sua tempera energica o escudasse contra a violencia das dores physicas.

Estive em risco, escrevia Machiavel ao seu amigo Giovanni Vernaccia, *estive em risco de perder a vida; mas Deos e a minha innocencia me salvaram. Prisão e todos os outros males supportei corajoso. (E sono stato per perdere la vita, la quale Addio e l'innocenza mia mi han salvata. Tutti gli altre mali, e di prigione e d'altro ho sopportato.)* (1)

O facto de ter padecido os tormentos da tortura está fóra de toda a contestação. A Machiavel escrevia de Roma um seu grande amigo, Francesco Vettori, nos seguintes termos: *Quando*

soube que estavas preso, logo receei que padecesses, sem rasão, a tortura; o que assim succedeu. (Che quando intensi voi esser preso, subito dubitia che senza essere causa avessi ad avere tortura, come é riuscito.)

Entrando na vida privada, depois de tantos contratempos, começou a entender na administração do seu pequeno patrimonio, e a suavisar as tristezas do infortunio com a composição de obras litterarias, historicas, e politicas, que ainda hoje são admiradas, e o serão, por certo, em todos os tempos.

A este proposito são muito significativas as observações de um historiador italiano:—Ficou Machiavel privado do cargo que, por espaço de 14 annos, exercera com intelligencia e inteireza. Esta desgraça foi uma fortuna para as lettras. O ocio, a que foi condemnado, proporecionou-lhe a possibilidade de escrever as mais luminosas obras, e de instruir a mocidade florentina na arte de governar,—nas famosas palestras academicas dos jardins do seu amigo Rucellai,—nas quaes substituiu aos agradaveis sonhos de Platão, ou ás disputas sobre linguistica, assumptos da mais grave importancia. — (2)

Machiavel morreu no anno de 1525, na idade de 58 annos; cabendo-lhe assim, ao menos, a ventura de não ver os novos desastres que a sua querida Florença experimentou pouco depois.

Morte feliz, observa o citado Pignotti, *que o dispensou de presenciar os novos infortunios da patria, o obstinado cerco, e as atrocidades que o acompanharam, e se lhe seguiram. (Morte felice, che lo sottrasse alla vista dei nuovi disastri della patria, all'ostinate assedio, ed alle atroci azioni che lo accompagnarono, e gli succedettero.)*

Um dos historiadores e criticos mais doutos e mais finos dos tempos modernos, o nunca assás louvado Lord Macaulay, ponderando que a historia de Florença, composta por Machiavel, terminou na morte de Lourenço de Medicis, acrescenta judiciosamente: *Parece que Machiavel tencionava proseguir na sua narração; mas a morte o embargou de realisar este projecto, e foi Guicciardini quem desempenhou o triste encargo de referir a desolação e a vergonha da Italia.* (3)

— Os traços biographicos que, muito a correr, lançámos no papel, seriam insufficientes, se no estudo das obras de Machiavel não tivéssemos, como havemos de ter, muito natural occasião de apontar uma ou outra circumstancia interessante da vida deste grande homem.

Vamos entrar no estudo das principaes obras de Machiavel, litterarias, historicas, politicas, e

(2) *Restó il Machiavello privato della sua carica, che con tanta sagacia e integrità avea per 14 anni esercitata. Questa disgrazia fu una fortuna per le lettere. L'ozio a cui fu condannato, gli dette agio di scrivere le opere più luminose; istruendo nelle arti del governo, la gioventù fiorentina, nei letterari congressi negli Orti del suo amico Rucellai, ove sostituì agli amabili sogni Platonici, o alle dispute di lingua, i temi più importante.*

Storia della Toscana sino al Principato, con diversi saggi sulle Scienze, Lettere e Arti, di Lorenzo Pignotti, Istoriografo Regio.

(Historia da Toscana até o Principado, com diversos ensaios sobre as Sciencias, Lettras, e Artes—por Lorenzo Pignotti, etc.—Florença. 1826. Tomo 12. pag. 168.)

(3) *Veja — Essais politiques et philosophiques par Lord Macaulay, trad. par M. G. Guizot, Paris 1863; — e ali o bellissimo artigo: Machiavel et l'Italie.*

(1) Carta a Giovanni Vernaccia (26 de julho de 1513.) *Opere*. 1796. Tomo V, pag. 467.

militares, — que até neste ultimo ramo compoz um escripto, que Napoleão I não vio com desdem.

Em harmonia com o que ha pouco promettemos, é do nosso intento não nos limitarmos a considerações genericas, — mas sim descer a uma apreciação especial do texto, e apresentar, aqui e acolá, alguns excerptos, que mais commodamente encaminhem os leitores no juizo que houverem de formar.

Cumpre-nos, porem, declarar desde já que detidamente nos havemos tambem de occupar da apreciação do livro do *Principe*, reunindo em volta desse livro todas as noticias e documentos, que nos parecem indispensaveis para bem penetrar os designios de Machiavel.

COMEDIAS

Nas suas comedias reproduz Machiavel, com toda a fidelidade, os costumes do seu tempo; apresenta lances de muito interesse, e ditos chistosos e engraçados; e, sobre tudo, desmascara a falsidade, a hypocrisia, e as castiga severo e sem piedade.

Vê-se, pelo que elle proprio disse no prologo da *Clitia*, que estava bem inteirado da theoria da comedia: — Apraz, na verdade, bastante a qualquer homem, e principalmente aos mancebos, adquirir noticia da avareza de um velho, do ciume enfurecido de um namorado, dos enganos de um criado, da voracidade dos *papa-jantares*, da miseria de um pobre, da ambição de um rico, das lisongerias de uma meretriz, da deslealdade de todos os homens; exemplos estes, de que estão cheias as comedias, e que, aliás, podem todos ser representados com o devido decoro. Mas, querendo deleitar, é necessario mover os espectadores ao riso; e isto não pôde conseguir-se, empregando-se a locução grave e severa, pois que as expressões que fazem rir são — ou inipidas, ou amorosas. — (4)

No prologo da *Mandragola* expõe Machiavel os motivos porque se deliberou a compor comedias; e um tal desaffogo entristece profundamente, por que nos pinta collocado este grande homem em uma situação lastimosa, que o obrigava a lançar mão de algumas distracções para moderar os rigores da sua amargurada sorte:

— Se este assumpto, diz elle, não é digno, por demasiadamente leve, de um homem prudente e grave, — desculpa-me, visto como sómente puz a mira em suavisar com estes vãos pensamentos a tristeza do meu viver; já que me não é dado voltar os olhos para outra parte, nem mostrar virtude em outras emprezas, mais serias, que houvessem de ser o premio das minhas fadigas. —

E se questa materia non è degna,
Per esser più leggiera,
D'un uom che voglia parer saggio e grave,
Scusatelo con questo, che s'ingegna
Con questi van pensieri

(4) Giova veramente assai à qualunche uomo, e massimamente à giovanetti, conoscere l'avaricia d'un vecchio, il furore d'un innamorato, l'inganni d'un servo, la gola de parassiti, la miseria d'un povero, l'ambizione d'un ricco, le lusinghe d'una meretrice, la poca fede di tutti gli uomini; de quali e sempr le Comedie sono piene, e possono tutti queste cose con honestà gradissima rappresentare. Ma volendo dilettare, è necessario muovere li spettatori a riso, il che non si può fare mantenendo il parlare grave e severo, perche le parole che fanno ridere, sono, o scioche, o injuriose, o amorose.

Fare il suo tristo tempo più suave,
Perche altrove non have
Dove voltare il viso,
Che gli è stato interciso
Mostrar con altre imprese altra virtue,
Non sendo premio alle fatiche sue.

— O assumpto, porem, da comedia, a que pertence o citado prologo, é mais do que *leggiero*, — é a tal ponto licencioso, que só com grandes reservas pôde ser hoje apresentado a leitores graves.

Haverá acaso alguma circumstancia, que allieve Machiavel da imputação severa que lhe cabe? Sim, ha. Machiavel escrevia a *Mandragola*, nos primeiros annos do seculo XVI, para Florença e para a Italia do seu tempo; e, força é dizê-lo, reproduzia na scena a verdade dos costumes da sua época, e até factos reaes, disfarçados apenas com os nomes comicos, e com alguns episodios de mera imaginação.

— No artigo immediato darei noticia da famosa comedia *Mandragola*, — principiando assim a entrar no estudo que prometti.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

BEATRIZ

Scenas da vida Intima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 298)

XVI

Aqui vem a ponto esboçar em breves traços a mocidade de Beatriz.

No berço de uma familia distincta nascera ella, mas os espiritos que cercam berços illustres nem sempre são illustres. Na provincia, mormente no seculo passado, poucas eram as luzes que os alumaiavam. Em geral, a infancia e toda a vida de fidalgas da provincia e mesmo da côrte corriam nas mais densas trevas. Nasciam ricos morgados e a riqueza era-lhes estorvo para se illustrarem. Cuidavam elles que os cabedaes lhes serviam de esteio de nobreza, e elles só tornavam mais patentes os vicios da falta de educação. Tinham para si que os pergaminhos lhes valiam de merecimento pessoal, e elles só eram contraste notorio entre a sua valia e a de seus maiores.

Não nascera Beatriz de paes, cuja instrucção se estremasse dos seus contemporaneos da sua classe. Seu pae fôra um honrado fidalgo, que podia capitancar com primor alguns troços d'el-rei e combater com denodo na sua vanguarda. Fôra, porém, dos exercicios militares não era para muito.

Sua mãe, senhora que havia sido elegante e formosa no seu tempo, não passava de uma excellente pessoa dotada de todas as qualidades negativas, porque tanto primam muitas senhoras.

A sr.^a D. Ignez Maldonado de Lencastro tinha as fôrmas agigantadas, que se encontram em algumas das nossas familias, que emigraram dos paizes do norte para estas ilhas, no tempo das lutas religiosas, que os dilaceraram. Com o volver dos annos tornara-se ella uma das mais volumosas creaturas dos Açores.

A morgada esmerava-se no governo da sua casa. A sua dispensa trazia-lhe o animo captivo. Pelas attentões que lhe dava dir-se-ia que tinha alli thesouro occulto.

O marido de D. Ignez morrera novo e ella ficára só no mundo, para dar maior incremento

ao seu ventre, engolphando-se nos praseres da mesa. A gula apoderara-se della por tal arte que, pouco antes de se finir, o seu instincto dominante a levava a querer lançar mão dos santos oleos para os engolir.

Beatriz, porém, nascera com uns instictos do bello tão seus que, desde o alvorecer da sua infancia, revelara um espirito avido de se alar para uma vida mais poetica e espiritual.

Circumstancias mui especiaes lhe deram aso de se levantar da vida prosaica de sua mãe, para um viver mais ideal.

Sua mãe era uma dessas senhoras, em cujas cabeças difficilmente penetravam pensamentos novos. Idéas, porém, que lá entravam, caíam no inferno, para nunca mais de lá saírem. Em Roma, onde estivera com seu marido, se maravilhava sempre da facilidade com que os meninos de quatro a cinco annos fallavam italiano, lingua que ella, jámais, entendera. Ahi, pois, considerava como um dos seus mais bellos ideaes ter uma creança, que praticasse iguaes prodigios, e por isso deu a Beatriz mestras mui habilitadas nas linguas vivas.

Dessas a primeira foi uma italiana e a segunda uma ingleza. Esta ultima era uma senhora phantastica e melancolica. Extremamente nervosa tinha dias em que, de repente, desatava a chorar. Recordações saudosas de uma felicidade perdida e de uma decepção dolorosa, eram, segundo ella dizia, a causa desse estado de exaltação. Mary Smith, porém, não se furtava á leitura de romances, por temer exaltar-se mais; pelo contrario, entregava-se a elles de todo o coração. Beatriz era nesse tempo uma menina, que começava a crescer para as mais doces emoções da alma; o amor, esse sentimento que já na infancia é para a mulher um sonho repassado de poesia, começara-lhe a agitar o coração.

Nas formosas noutes de estio, em que a lua se espelhava na bahia de . . . , prateando as ondas do mar. Beatriz sentada na ermida do solar de seus paes ou no canto da janella do seu quarto, scismava sósinha. O amor era então para ella um sentimento vago e voluptuoso. Beatriz, contemplando o céo em que brilhavam myriades de estrellas e o mar em que ellas se reflectiam, amava um ser ideal, que se lhe representava com as fórmas celestiaes do seu anjo da guarda. Mais tarde a idade e a leitura dos romances levou para os céos as azas candidas dos cherubins, e deixou-a phantasiar typos heroicos para amar. Era já a mulher que carecia de uma affeição com os encantos e visos da realidade, dourado pela phantasia.

Beatriz foi, de dia para dia, acendrando o seu espirito pela leitura e exaltando o sentimento com obras phantasticas. A facilidade com que alcançou fallar as linguas livrou-a cedo dos trabalhos materiaes do seu estudo, e deixou-lhe horas e horas livres para a leitura.

A sua mestra, que tinha trazido consigo grande copia de livros inglezes, dava-lh'os para ler. Eram quasi tudo poemas ou romances moraes, em que se pintavam scenas pintorescas, animadas pelas mais mimosas flôres da alma a par com amores infelizes e paixões violentas. Essas obras, pois, longe de lhe perverterem o coração, tornavam-no melhor e affaziam-no ao amor das cousas do espirito e das suas mais altas aspirações.

Não diremos que lhe offereceram instrucção bastante solida, nem tambem, que lhe inculcaram idéas mui exactas sobre a vida humana, comtudo, é certo que lhe elevaram a alma para as puras regiões do mundo moral.

XVII

Beatriz gostava de percorrer sósinha os campos no seu formoso cavallo, levando apenas apoz si um velho creado. Este seu costume valia-lhe bastantes censuras, que repetiam as senhoras desse tempo, ao passarem as contas dos rosarios, porque resavam. Boas e seraphicas creaturas eram ellas, mas tinham linguas que feriam, como serpentes; comtudo ao encontrarem Beatriz, beijavam-na com amor, afagavam-na com sorrisos e convidavam-na com instancias para as visitar; é que todas ellas lhe desejavam os morgados para algum parente de sua particular affeição.

Beatriz, porém, despresava do fundo da alma essas exquisitas censuras, e não deixava de seguir o modo de vida que lhe agradava.

Beatriz amava o campo, como filha sua que era. Os arvoredos dos sitios proximos de sua casa, as flores, que os matisavam, as negras e escarpadas rochas, em que brancas e encapelladas ondas do oceano se quebravam, tinham para ella encantos, que as almas creadas no seio das cidades não sabem apreciar. a não ser que nascam com a poesia, que brota tão espontanea e naturalmente em quem vê a luz do dia fóra dos muros das grandes populações.

Não era, porém, o mundo physico, que, tão sómente, a attraia. A vista de pessoas, cujos rostos amigos conhecera desde o primeiro alvorecer da vida, enlevava-a. Saudar uns, fallar com outros, sorrindo a todos, eram-lhe suaves occupações, que só tinham iguaes no prazer de levar esmolas ás choupanas mais miseraveis.

A caridade é flôr da alma, que exhala perfumes mui primos, para quem se esmera a cultival-a. Beatriz sentia-se embriagar com os aromas que della colhia. Nas fragancias dos bosques, nas suas flores mais rescendentes, desde a mais desconhecida e recondita planta da nossa flora até o nosso jasmim, tão afamado, Beatriz não experimentara uma só sensação, que tanto a encantasse, como a do praser de praticar uma acção boa; por isso os seus passeios terminavam sempre levando algum poderoso auxilio ás choças dos pobres.

Este costume tornara-se-lhe tão habitual, que nas Furnas, lhe chamavam a santinha. Saía ella todos os dias para acudir a algum desvalido ou para levar palavras de consolação aos desgraçados.

A velhinha dos banhos ferreos era uma das infelizes, a quem mais queria. Beatriz, sympathizava do intimo da alma com Maria, a neta daquella mulher, que se finava pouco a pouco. Morte de muitas mortes era a da pobre enferma. Primeiro lhe morrera o coração. Depois começara-lhe a exacerbar-se as dôres e a fallecer-lhe as forças. Beatriz, quando a ia ver, dava lh'e horas de saude. A pobrinha da doente parecia-lhe que cobrava nova vida com as suas palavras, tamanha era a affabilidade com que lhe fallava.

O conde, tambem, tinha por essa pobre uma sympathia mui particular. É que a belleza tem encantos que attraem, e a identidade de soffrimentos laços que prendem as almas entre si. Depois, portanto, delle chegar ás Furnas começou

a procurar a casa da banheira, para se informar da neta e esmolar a avó.

XVIII

Eram dez horas de uma formosa manhã de estio e o conde apeava-se do seu cavallo junto a uma eira, em que umas poucas d'aves depenicavam alguns grãos, que ahi topavam. Ahi mesmo ficava a cabana que habitava Maria e que um bom e honrado lavrador lhe dava por esmola.

Um presentimento intimo o levava lá. Maria estava peor e elle desejava vel-a antes della acabar. Beatriz levada pelo mesmo impulso, já estava lá.

O conde, porém, não a esperava alli e ficou maravilhado quando vio ante si aquella formosa aparição.

A cabana tinha as paredes de terra e o tecto de palha. O seu interior não apresentava melhor aspecto. Uma enxerga dura, sobre a qual se via um colchão de palha, era o leito em que jazia a moribunda, e um crucifixo, pendente á sua cabeceira, o seu unico ornato. Beatriz estava junto da enferma, ora levantando-a nos seus braços, ora conchegando-a ao peito com amor, ora segredando-lhe palavras de muito conforto. A velha chorava ao pé della beijando-lhe ora as suas mãos, ora as da neta e apertando com as suas a propria cabeça, como quem sentia alli uma dor violenta e temia perder o juizo.

O conde ao vér este quadro, sentio uma impressão tão forte que, a seu pesar, curvou os joelhos ante essa scena de extrema agonia; é que o infortunio tem a sua magestade, e o mais bello pedestal da mulher, que se ama, é a caridade.

Beatriz não estranhou a acção do conde, porque a julgou filha da solemnidade daquelle momento.

Maria possuia as feições distinctas de uma filha das mais altas classes sociaes. Nesse instante tinha ella os beiços descorados, o nariz mui afilado e as suas faces tão pallidas que pareciam de cera. Os seus olhos mui negros e vivos estavam turvos. De vez em quando, porém, ao volverem-se para Beatriz, animavam-se com momentaneo e indisivel jubilo, até que, alfim, se cerraram, de todo, ficando o rosto da morta com uma visivel expressão de contentamento interior. Dir-se ia que pelos seus labios lhe deslisava um sorriso angelico.

Está no céo, disse Beatriz, oremos por ella.

O conde ajoelhou instinctivamente com Beatriz junto do leito de Maria. Depois levantou-se a um tempo com Beatriz, que lhe disse:

—Soffreu muito no mundo, agora está no céo, colhendo a palma do martyrio.

Nos labios do conde, ao ouvir esta reflexão, deslisou um ligeiro sorriso.

(CONTINUA)

VICENT MACHADO DE FARIA E MAIA.



A prioriza e a noiva de Bath

Reynolds, Sir Joshua, famoso pintor inglez, nasceu a 16 de julho de 1723 em Plympton, no condado de Devon, e falleceu no dia 23 de febreiro de 1792.

Para se formar uma idéa do merecimento de Reynolds, como pintor e como homem, basta saber-se que o grande e immortal Burke disse d'elle, em um panegirico eloquente o seguinte: — Sir Joshua Reynolds foi a muitos respeitoes um dos homens mais memoraveis do seu tempo. Foi o primeiro inglez que acrescentou o renome das artes elegantes ás outras glorias deste paiz. No bom gosto, na graça, na facilidade, na invenção feliz, e na riqueza e harmonia do colorido, igualou os melhores mestres das afamadas idades. Possuio tão perfeitamente a theoria, como a pratica da sua arte; e por certo que, para ser um pintor de tal ordem, de necessidade era que fosse um philosopho profundo e penetrante. Os seus talentos de varias especies, poderosos pela natureza, e grandemente cultivados pelas letras as suas virtudes sociaes — em todas as relações e habitos da vida, tornaram no o centro de uma grande e incomparavel variedade de agradaveis sociedades, nas quaes se envolveu e como que se dissipou até á morte.

Os estreitos limites desta noticia não nos deixam alargar como desejáramos a respeito de um pintor de tamanha nomeada. — Apressamo-nos, pois, a dizer que a nossa estampa representa um quadro, que Reynolds foi buscar aos contos de Chancer. Nas eras, a que se referia o poeta inglez, as abbadeças e priorezas dos conventos de freiras estavam na posse de confessar senhoras; mas a experiencia foi mostrando que a curiosidade feminina, infinitamente mais desenvolvida que a dos homens, tinha inconvenientes muito ponderosos. A nossa estampa offerece-nos a agradavel perspectiva de uma prioreza, no acto em que, com a maliciosa curiosidade do seu sexo, está ouvindo de confissão á noiva de Bath. Reynolds reproduzio com a maior energia e verdade a natureza, senão é que a aformoseou ainda mais, pintando uma scena curiosa, e aliás admiravelmente concebida e traçada.

PORTUGAL CONTEMPORANEO AVALIADO POR UM VIAJANTE FRANCEZ

(Continuado de pag. 294)

Pouco depois da minha chegada tive a felicidade de conhecer em Lisboa um homem, cuja morte foi vivamente sentida o anno passado, o sr. R. Nogueira Soares. Era um sabio magistrado que occupava, como juriconsulto, um lugar distincto na camara dos deputados. Era optimo conversador, observador original e expansivo. As suas conversações iniciaram-me, por mais duma vez, no movimento dos grupos politicos que presidem aos destinos deste paiz. Tinha elle em mim um attento ouvinte. «Hade ouvir fallar em Portugal de concussão e de corrupção, dizia-me elle. Nós somos assim; não podemos aturar um adversario que embaraça as nossas vistas ambiciosas; estamos promptos sempre a exaggerar os defeitos dos nossos inimigos. Não sei o que ha de verdadeiro no fundo dessas accusações, mas tenha como certo que corruptores e corruptos caem po-

bres do poder depois de terem passado no ministerio uma vida mais do que modesta, se não teem riqueza pessoal. Somos muitas vezes incapazes, mas ninguem se convence disso, e todos se julgam chamados aos mais elevados destinos.» Um dia explicou-me, pouco mais ou menos; nestes termos, as transformações successivas dos partidos:

Em 1834, D. Pedro, regente em nome de sua filha, depois de ter expulsado D. Miguel, seu irmão, estabelece definitivamente a monarchia constitucional, e outhorga a Portugal uma Carta. Os chefes militares, amigos pessoais do regente, e os timidos formam-se em torno desse pacto fundamental, fundando uma especie de oligarchia poderosa, designada pelo nome de partido cartista. Effectivamente, para esse partido, a Carta, como o regente e os seus auxiliares a tinham concebido, era a fronteira ultima do progresso. Durante a lucta, no meio dos perigos, tinham-se já manifestado tendencias mais audaciosas, e o grupo denominado progressista mostrava não querer parar no principio. Um movimento, effectuado em setembro de 1836, deu o poder a estes ultimos. Manoel Passos, seu chefe, investido duma especie de dictadura voluntariamente reconhecida, foi encarregado da direcção dos negocios, e essa fracção veio a formar o partido setembrista. Pouco disposto a vergar diante das exigencias dos seus, Passos logo se vio ameaçado por todos os lados e foi obrigado a reprimir uma conspiração dos marchaes que cercaram a rainha em Belem. Retirou-se em 1838, ulcerado pelos dissabores. Sustentados pela benevolencia da rainha, os cartistas foram, pouco a pouco, recobrando o terreno que os setembristas perdiam, até ao dia em que Costa Cabral, levantando a mascara, em 1842, se apoderou violentamente do poder e transformou o antigo partido conservador em partido cabraalista. Os setembristas, abandonando essa designação, demasiadamente restricta, que lhe creava obstaculos, retomaram a de progressistas, e perseguiram ironicamente os seus adversarios com o nome de ordeiros, como se a ordem nas ruas se tivesse tornado o seu unico e supremo ideal. Durou isto assim até 1847, época em que a revolução se ergue de novo, se organisa fortemente em junta de governo, e se estabelece no Porto, debaixo da direcção de José da Silva Passos, irmão de Manoel, espirito fino, energico, habil em dirigir as massas, e do conde das Antas, velho soldado da liberdade, defensor fiel de D. Maria II. Em torno destes agrupam-se os progressistas e toda a juventude do paiz, para debellar a reacção. Trava-se a lucta entre a junta do Porto, sustentada por um certo numero de officiaes-generaes, e o governo de Lisboa, que tem por defensor o general Saldanha. Foi necessaria, como sabem, a intervenção da França, da Inglaterra e da Hespanha para pôr termo a essa guerra civil. O governo progressista do Porto desaparece então, mas a nação inteira fica profundamente alvoraçada por essa victoria. Os cartistas, senhores do terreno,

veem todos os dias fugir-lhes o poder das mãos, a impopularidade pesa sobre elles; sente-se por toda a parte que na liberdade se deve procurar a salvação. Debalde o conde de Thomar, expulso durante os primeiros momentos da lucta em 1846 e entrando depois novamente no poder, procura reprimir esta aspiração; o terreno está minado surdamente por baixo dos seus pés. Subito, em 1851, Saldanha, nomeado marechal e duque, por uma dessas evoluções tão numerosas e tão imprevisas na sua carreira, ergue o estandarte contra o partido cabralista; estavam os espiritos dispostos para a lucta, o conde de Thomar é vencido. Singular movimento esse. Costa Cabral, que de revolucionario passara a conde de Thomar, representava a idéa de authoridade. Pondo uma intelligencia pouco vulgar e uma decisão prompta ao serviço duma ambição sem limites, fizera-se partidario da immobildade; o seu character, flexivel e energico, apoderára-se do espirito da soberana, arreastava os obstaculos, derrubava as leis, e, quando o seu poder parecia inatacavel, caía de subito, abandonado por todos, diante dum revolucionario que elle fizera duque e marechal, que fôra successivamente favorito de D. João VI e de D. Pedro IV, prompto a pôr a sua espada ao serviço de todos os partidos, fidalgo todo exaltação. (1) Depois de ter segundado o partido cartista, em 1846, era, pela sua vez, perseguido por aquelles a quem servira, e entrava em campanha para derrubar o governo. Este duque é, verdadeiramente, um personagem original na historia das nossas variações portuguezas; amimado por todos, a todas as caricias cede, e acabou por nos fazer pagar os seus serviços muito caro. Comtudo, quando descortinando, atravez da perturbação geral, as necessidades e o instincto verdadeiro do paiz, convocou em torno de si todos os homens liberaes, sem distincção de origem, chamados a concorrer para o bem publico, redimio bastantes erros. O movimento de 1851 não tomou o titulo pomposo de revolução, e chamou-se regeneração; esta designação não era talvez menos pretenciosa nem menos vaga, mas indicava tendencias generosas. O partido progressista, que estava todo no movimento, que fora o primeiro a responder ao chamamento do marechal, soffre então uma decomposição nova. Uns, reunindo-se em torno de Rodrigo da Fonseca Magalhães, Almeida Garrett, e Fontes Pereira de Mello, tomam o nome de progressistas regeneradores; os outros, guiando-se pelas inspirações do marquez, depois duque de Loulé, e de José Estevão, ficam

ligados ás tradições selembristas e chamam-se progressistas historicos. Eis, em poucas palavras, as evoluções do nosso mundo politico.»

O portuguez engenhoso e sensato que me dava estes pormenores sobre a historia recente do seu paiz, esboçava os homens, da mesma forma que esboçava os acontecimentos. «Portugal estaria hoje, dizia elle ainda, no periodo mais brilhante do seu liberalismo, se tivesse uma *cabeça*. A morte de Rodrigo da Fonseca foi uma grande perda; essa *cabeça* era elle. O seu espirito, fino e penetrante, comprehendia uma situação á primeira vista d'olhos, as suas respostas, promptas e mordentes, seduziam mais do que offendiam; gostava de ver a mocidade elevar-se em torno delle; a sua prudencia e o seu tacto afastavam as aventuras do caminho dos seus jovens collegas, cujas forças reunia, dirigindo-as para um fim util. Ministro cartista varias vezes, não se revelou realmente homem d'Estado senão quando entrou, em 1851, para o ministerio do reino. Junto desse chefe, que não teve quem o substituisse, fizera o sr. Fontes Pereira de Mello a sua educação politica. Ministro da fazenda, ministro das obras publicas, primeiro, de 1851 a 1856, depois, de 1859 a 1861, o sr. Pereira de Mello foi menos feliz nos negocios publicos da segunda vez que da primeira; já então não tinha a mão habil de Rodrigo da Fonseca para o guiar. É um administrador habil e probo, mas indolente; prima em apresentar debaixo duma forma seductora as questões mais aridas, mas agrada sem dominar. O sr. Casal Ribeiro é uma vigorosa intelligencia, e as nossas finanças devem muito á sua iniciativa. Entre os regeneradores devo citar tambem os srs. Serpa Pimentel e Martens Ferrão. O marquez de Loulé, fidalgo de nobilissima extracção (pertence a uma das mais antigas familias de Portugal) e liberal por tradição, não dirige nem domina o partido historico-progressista de que é chefe, mas presta-lhe o apoio do seu valimento no paço. O marquez não é orador. Difficilmente se consegue que elle appareça na tribuna; se a isso se decide, nunca abusa da paciencia da camara; pronuncia apenas algumas phrases. A sua indolencia é proverbial, e, muitas vezes, perigosa para os seus amigos politicos; resgata esse defeito por um bom senso natural que não deixa de ter valor. No fundo, se ninguem conta com o auxilio da sua actividade, toda a gente o estima.»

Taes são os traços principaes das nossas conversações que, muitas vezes, se prolongavam até alta noite. Uma figura se destacava entre essas individualidades que o meu amavel interlocutor fazia passar por diante de mim; era José Estevão Coelho de Magalhães. Diziam-no e proclamava-se elle mesmo progressista-historico. Na realidade, fugia a todas as classificações. Era liberal e supportava, a muito custo, os compromissos politicos; sempre conservou uma grande independencia de movimento, tomando por guia unico os interesses da liberdade. Era, primeiro que tudo, um homem de tribuna que, durante vinte annos,

(1) *Grand seigneur à tête folle*, diz o original. Só aqui introduzo uma ligeira alteração, porque a phrase tinha uma certa crueza que julguei bom adocar, mas no resto conservei escrupolosamente o pensamento e a forma do escriptor francez, sem rectificar mesmo erros de facto, que saltam aos olhos, sem commentar as apreciações politicas do sr. V. de Mazade. O *Panorama* é um jornal exclusivamente litterario, que se abstem completamente de politica. O nosso fim, apresentando aos leitores do *Panorama* este artigo da *Revista dos dois mundos*, foi dar-lhes conhecimento das impressões que o Portugal moderno produziu no espirito dum escriptor francez, e do modo como fomos apresentados á Europa, que nos desconhece, por um jornal lido em todas as capitães. A isso nos limitamos, tendo todo o cuidado em lavar as nossas mãos de toda e qualquer communidade com as idéas do sr. V. de Mazade.

teve o paiz fascinado pela magia da sua palavra. Morreu em 1862, em toda a força da sua intelligencia. Nasceu em 1808, á beira-mar, na pequena cidade d'Aveiro. A sua vida foi das mais cheias. Deputado aos vinte e oito annos, depois de ter passado os primeiros annos da sua mocidade nos acampamentos, foi advogado, professor da escola polytechnica, jornalista e tenente coronel de artilharia. Dir-se-hia que a sua natureza fervida se comprazia no meio de tão diversos trabalhos. Tudo se permittia a essa criança mimosa; o adversario, que elle vencera na tribuna, vinha procurar uma consolação no encanto da sua palestra. A sua morte imprevista (contava apenas cincoenta e quatro annos) produziu uma sensação profunda e universal; a noticia desse acontecimento funesto, foi como um raio que fulminou todo o paiz. Para honrar a memoria desse eminente portuguez, D. Luiz I quiz ser padrinho do ultimo dos seus filhos, nascido pouco depois da sua morte. Existem, sem duvida, outras individualidades salientes na familia politica portugueza; aquellas de que acabo de fallar são as que deixaram nas minhas recordações um rasto mais luminoso.

Ha uma coisa notavel e feliz nessa nação, que tem hoje um tão modesto destino; é o accordo que existe quasi sempre entre o principe que a dirige e as circumstancias, no meio das quaes exerce a sua actividade. Se é necessario reconquistar o throno de sua filha, Pedro IV, renunciando ao seu imperio do Brazil, chega á Europa, e todos os que aspiram a um futuro melhor vem agrupar-se em torno desse principe de indole e de physionomia cavalheiresca, o throno é reconquistado depois de heroicos esforços; mas, no dia seguinte ao da victoria, essa organização de soldado recta e forte não parece propria para dirigir os primeiros passos dos portuguezes no caminho do regimen constitucional. A morte de D. Pedro chama ao throno sua filha, joven princeza de quinze annos. É a D. Maria II que incumbe a tarefa difficil de organizar o paiz, e é D. Maria, realmente, a pessoa mais capaz de realisar firme e resolutamente uma tal organização. O genio activo e energico dessa princeza revelava-se no seu magostoso exterior. A cada passo tinha que domar individualidades tumultuarias, educadas nos acampamentos ou nas procellas dum periodo de combates; nunca lhe faltou o animo. Rodeada de perigos de toda a especie, não trepidou. «Era uma mulher temivel, dizia-me um dos seus inimigos, e contra ella era impossivel a lueta.» Recusando segundar as vistas audaciosas de alguns dos seus subditos, não abandonava a esperanza de pôr em pratica as idéas de seu pae, e, auxiliada por seu marido Fernando, duque de Saxe-Coburgo, educava em torno de si uma geração de principes que asseguravam o futuro da liberdade e da monarchia.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Resumo da historia contemporanea desde 1815 ate 1865. Por um Professor. Rio de Janeiro. 1866.

Já no Jornal—*A Revolução de Setembro*—(1) apresentou uma critica litteraria deste *Resumo*; aqui, porém, apenas darei uma noticia bibliographica de um trabalho, que tenho em conta de interessante.

De ordinario, nos estabelecimentos de ensino, mais aprendemos um pouco da historia antiga e da dos séculos immediatamente posteriores, ficando no escuro os factos do tempo em que vivemos.

Mas, quando, como no meio século de que o nosso author se occupa (1815 até 1865), acontecimentos notaveis e altamente instructivos hão occorrido,—de razão é que nos sejam recordados e ordenadamente expostos.

Louvores, portanto, merece o author pelo facto de encher uma tal lacuna, em beneficio de brasileiros e portuguezes, aos quaes offerece assim o ensejo de avivar a memoria de successos importantes, quaes se foram succedendo na serie dos annos daquelle periodo.

Nos primeiros quinze annos, posteriores a 1815, vemos os governos das principaes potencias da Europa (á excepção da Inglaterra) empenhadas em reprimir as tendencias liberaes dos povos; e então avultam os congressos da Santa Alliança, a intervenção na Hespanha pelo exercito commandado pelo duque de Angoulême, e a da Austria na Italia.—De 1830 em diante começa mais desembarçada a marcha dos povos para a liberdade, e pouco e pouco vão sendo estabelecidos os governos constitucionaes, até que hoje rarissimos são os exemplos da forma do governo absoluto. Na França, onde os acontecimentos correm mais apressados, e mais rapidos só succedem as mudanças politicas, vemos nos indicados quinze annos os reinados de Luiz XVIII e Carlos X; nos annos posteriores, e até hoje, encontramos o reinado de Luiz Philippe—no periodo de 18 annos; segue-se-lhe a 2.^a republica—que pouco dura; e vem depois o 2.^o imperio, que já conta 15 annos de existencia.

Se em globo tomamos todos os acontecimentos do meio século, é força especificar os mais importantes: a tomada de Argel pelos francezes, golpe felicissimo dado na ignominia da Europa diante das potencias barbarescas; a formação dos reinos da Grecia e da Belgica; a guerra da Criméa; a guerra da Italia, e a consequente formação do reino da mesma Italia; a guerra da China e do Japão, que abre ao commercio europeu as portas dos dous grandes povos do oriente; a fatal guerra do Mexico, que terminou ha pouco por uma catastrophe immensamente deploravel; a guerra civil dos Estados Unidos, de colossaes proporções; a guerra entre a Prussia e a Austria, na qual tomou parte o novo reino de Italia...

A par de acontecimentos de tal magnitudo,—quantos outros não tem o mundo presenciado nos indicados 50 annos!... Bem vindo é pois o author do *Resumo da Historia Contemporanea*, que pelo pensamento nos faz assistir á representação de tão variados dramas.

Lisboa, 3 de agosto de 1867.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(1) N.^o 7533 de 16 de julho de 1867.